



A interação mãe-criança em díades com crianças com e sem doença crônica.

O objetivo do presente estudo foi examinar a interação mãe-criança em crianças com e sem doença crônica física no segundo ano de vida da criança. Baseado na teoria do apego de Bowlby (1989) e nos estudos de Goldberg e cols. (1990, 1995) sobre a relação mãe-criança em crianças doentes, supunha-se que o fracasso e a desilusão dos pais por terem gerado uma criança enferma bem como as eventuais limitações da criança devido à sua condição de saúde tornariam essas mães menos responsivas quando comparadas às mães de crianças sem doença crônica. Participaram do estudo dezesseis díades mãe-criança, sendo oito com crianças portadoras de doença crônica física (fibrose cística, atresia de vias biliares e cardiopatia congênita) diagnosticada nos primeiros seis meses de vida da criança, e oito cujas crianças não apresentavam problemas crônicos de saúde. As crianças eram de ambos os sexos e tinham entre 24 e 25 meses de idade. As mães de crianças com doença crônica tinham idade média de 30,9 anos (DP=8,8) e escolaridade média de 8,1 anos (DP=2,4), e as mães do outro grupo tinham idade média de 25,5 (D=5,3) e escolaridade média de 10,2 (DP=3,4). Foi utilizado um delineamento de grupos contrastantes (Nachmias & Nachmias, 1996) envolvendo dois grupos: díades mãe/criança com crianças com doença crônica e díades mãe/criança com criança sem doença crônica. As famílias de crianças com doença crônica foram selecionadas em hospitais públicos de Porto Alegre, e as demais faziam parte de um estudo realizado pelo GIDEP/UFRGS/CNPq que acompanha o desenvolvimento infantil da gestação ao terceiro ano de vida da criança. Foi realizada uma sessão de observação familiar que durava ao redor de 30 minutos, sendo que a interação somente da mãe com a criança, objeto deste trabalho, era de aproximadamente 10 minutos. A sessão de interação livre foi realizada em uma sala de brinquedos da universidade e foi filmada. Foram analisados os últimos seis minutos da interação subdivididos em intervalos de 15 segundos conforme protocolo criado por Castro, Chaves e Piccinini (2001) que avaliava três categorias de comportamentos maternos (responsividade, intrusividade e afeto) e três categorias de comportamentos infantis (responsividade, envolvimento e afeto). Dois codificadores foram treinados para a avaliação e obtiveram índice de concordância médio (teste Kendall) de 0,88. Os resultados da análise da interação mãe-criança não revelaram diferenças significativas entre os grupos nas categorias de comportamentos maternos e infantis investigadas. Verificou-se apenas uma tendência a diferenças entre os grupos, indicando que as mães das crianças com doença crônica foram menos responsivas quando comparadas ao outro grupo. Esta ausência de diferenças sugere que a interação das díades do grupo com doença crônica foi mais resiliente do que se supunha. No entanto, devido à grande variabilidade da interação das díades no grupo com doença crônica, e a aspectos relacionados ao número de participantes e ao protocolo utilizado, novos estudos devem ser feitos para confirmar estes achados.

Elisa Kern de Castro; Cesar A. Piccinini.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.